

A pastora e o limpador de chaminés

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Você já viu um armário de madeira realmente antigo, todo escuro de velhice e entalhado com volutas e folhagens? Pois havia exatamente um desses numa sala de estar; fora herdado da bisavó e estava entalhado de alto a baixo com rosas e tulipas. Tinha as mais estranhas volutas, e entre elas pequenos veados punham a cabeça para fora, com muitos ramos nas galhadas; mas no meio do armário estava esculpido um homem inteiro. Era mesmo engraçado de se ver, e fazia uma careta de riso, pois não se podia chamar aquilo de rir; tinha pernas de bode, pequenos chifres na testa e uma longa barba. As crianças da sala sempre o chamavam de

Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargento, porque era um nome difícil de dizer e não são muitos os que recebem esse título; mas mandar entalhá-lo, isso também era alguma coisa. Agora, porém, ele estava ali! Olhava sempre para a mesa debaixo do espelho, pois ali havia uma pequena e encantadora pastora de porcelana. Seus sapatos eram dourados, o vestido estava graciosamente preso para cima com uma rosa vermelha, e ela tinha chapéu de ouro e cajado de pastora; era linda! Perto dela estava um pequeno limpador de chaminés, preto como carvão, mas também de porcelana; era tão limpo e bonito quanto qualquer outro. Ser limpador de chaminés era apenas o que representava; o fabricante de porcelana podia igualmente tê-lo feito príncipe, pois dava no mesmo.

Ali estava ele tão bonito com sua escada e um rosto tão branco e rosado quanto o de uma menina, o que na verdade era um defeito, pois bem podia ter um pouco de preto no rosto. Estava bem perto da pastora; ambos tinham sido

colocados onde estavam e, já que ali tinham sido colocados, tinham ficado noivos. Combinavam um com o outro, eram jovens, feitos da mesma porcelana e igualmente frágeis.

Perto deles havia ainda outro boneco, três vezes maior: era um velho chinês que podia fazer sinais com a cabeça. Também era de porcelana e dizia ser avô da pastorzinha, mas isso não podia bem provar. Afirmava que tinha autoridade sobre ela e por isso tinha feito um sinal de consentimento ao Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargento, que pedira a pastorzinha em casamento.

“Aí você ganha um marido”, disse o velho chinês. “Um marido que quase acredito ser de mogno; ele pode fazer de você a Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargenta. Tem o armário inteiro cheio de prataria, além do que guarda em esconderijos secretos.”

“Não quero entrar no armário escuro!”, disse a pastorzinha. “Ouvi dizer que ele tem lá dentro onze esposas de porcelana!”

“Então você pode ser a décima segunda!”, disse o chinês. “Esta noite, assim que o velho armário estalar, vocês se casarão, tão certo como sou chinês!” Fez então um sinal com a cabeça e adormeceu.

Mas a pastorzinha chorava e olhava para o seu mais querido amor, o limpador de chaminés de porcelana.

“Acho que vou lhe pedir”, disse ela, “que venha comigo para o vasto mundo, pois aqui não podemos ficar!”

“Quero tudo o que você quiser!”, disse o pequeno limpador. “Vamos agora mesmo; acho que posso sustentar você com a minha profissão!”

“Ah, se já tivéssemos descido da mesa!”, disse ela. “Não ficarei feliz enquanto não estivermos lá fora no vasto mundo!”

Ele a consolou e mostrou onde devia pôr o pezinho nas bordas entalhadas e na folhagem dourada ao longo do pé da mesa; também usou sua escada para ajudar. Assim chegaram ao chão, mas, quando olharam para o velho armário, havia ali uma grande agitação: todos os veados entalhados puseram a cabeça mais para fora, ergueram as galhadas e torceram o pescoço! O Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargento pulou bem alto e gritou para o velho chinês: “Estão fugindo! Estão fugindo!”

Ficaram então um pouco assustados e saltaram depressa para a gaveta da base elevada.

Ali havia três ou quatro baralhos incompletos e um pequeno teatro de bonecos montado tão bem quanto era possível. Representava-se uma comédia, e todas as damas, de ouros e copas, paus e espadas, estavam sentadas na primeira fila, abanando-se com suas tulipas. Atrás delas ficavam todos os valetes, mostrando que tinham cabeça tanto em cima quanto embaixo, como as cartas de baralho. A comédia tratava de dois que não tinham permissão para ficar juntos, e a pastora chorou, pois era como sua própria história.

“Não suporto isso!”, disse ela. “Preciso sair da gaveta!” Mas, quando voltaram ao chão e olharam para a mesa, o velho chinês tinha acordado e balançava o corpo inteiro, pois era um bloco na parte de baixo.

“Lá vem o velho chinês!”, gritou a pastorzinha, caindo de joelhos de porcelana, tão aflita estava.

“Tive uma ideia”, disse o limpador. “E se nos enfiássemos naquele grande pote de pot-pourri que está no canto? Ali poderíamos nos deitar sobre rosas e lavanda e jogar sal nos olhos dele quando chegasse.”

“Isso não basta!”, disse ela. “Além do mais, sei que o velho chinês e o pote de pot-pourri já foram noivos, e sempre resta um pouco de afeição quando se teve uma relação assim. Não, não há outra saída senão ir para o vasto mundo!”

“Você tem mesmo coragem de vir comigo para o vasto mundo?”, perguntou o limpador. “Pensou em como ele é grande e em que nunca mais poderemos voltar aqui?”

“Pensei!”, disse ela.

O limpador olhou bem fixamente para ela e disse: “Meu caminho passa pela chaminé! Tem mesmo coragem de se arrastar comigo por dentro da estufa, tanto pelo tambor quanto pelo tubo? Assim chegamos à chaminé, e ali eu sei me virar! Subiremos tão alto que não poderão nos alcançar, e bem no alto há uma abertura para o vasto mundo!”

E a conduziu até a porta da estufa.

“Parece escuro lá dentro!”, disse ela, mas mesmo assim o acompanhou, tanto pelo tambor quanto pelo tubo, onde era noite inteiramente negra.

“Agora estamos na chaminé!”, disse ele. “E olhe! Olhe! Lá em cima brilha a mais bela estrela!”

Era uma estrela de verdade no céu, brilhando diretamente sobre eles, como se quisesse lhes mostrar o caminho. E subiam e se arrastavam, era um caminho horrível, tão alto, tão alto; mas ele a erguia e ajudava, segurava-a e mostrava os melhores lugares para pôr os pezinhos de porcelana. Assim chegaram à

borda da chaminé e se sentaram ali, pois estavam muito cansados, e não era para menos.

O céu com todas as estrelas ficava acima, e todos os telhados da cidade abaixo. Viam tão longe ao redor, tão longe pelo mundo! A pobre pastora nunca imaginara que fosse assim; encostou a cabecinha em seu limpador de chaminés e chorou tanto que o ouro saltou do seu cinto.

“É demais!”, disse ela. “Não posso suportar! O mundo é grande demais! Queria estar de novo na mesinha debaixo do espelho! Nunca ficarei feliz enquanto não estiver lá de novo! Agora que acompanhei você ao vasto mundo, bem pode me acompanhar de volta para casa, se gosta um pouco de mim!”

O limpador tentou falar sensatamente com ela, falou do velho chinês e do Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargento, mas ela soluçava de tal modo e beijava seu pequeno limpador que ele não pôde fazer outra coisa senão ceder, embora fosse um erro.

E tornaram a descer com grande dificuldade pela chaminé, arrastando-se pelo tambor e pelo tubo; não foi nada agradável. Então ficaram dentro da estufa escura, espiando atrás da porta para saber como estavam as coisas na sala. Tudo estava quieto; olharam para fora — ah, ali no meio do chão estava o velho chinês! Caíra da mesa ao tentar segui-los e se quebrara em três pedaços: as costas inteiras se tinham soltado de uma vez, e a cabeça rolara até um canto. O Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargento estava onde sempre estivera, pensando.

“É horrível!”, disse a pastorzinha. “O velho vovô está quebrado, e a culpa é nossa! Não vou sobreviver a isso!” E torcia as mãozinhas pequeninas.

“Ainda pode ser consertado com grampos!”, disse o limpador. “Pode muito bem ser consertado! — Não se aflija tanto; quando colarem suas costas e puserem um bom grampo na nuca, ficará tão bom quanto novo e poderá nos dizer muitas coisas desagradáveis!”

“Acha mesmo?”, disse ela. Então subiram de novo à mesa, onde estavam antes.

“Veja só até onde fomos!”, disse o limpador. “Podíamos ter poupado todo esse trabalho!”

“Ah, se o velho vovô já estivesse consertado!”, disse a pastora. “Pode ser tão caro assim?”

E ele foi consertado. A família mandou colar suas costas, ele ganhou um bom grampo no pescoço e ficou tão bom quanto novo, mas não podia fazer sinais com a cabeça.

“O senhor deve ter ficado orgulhoso depois que foi quebrado!”, disse o Pernas-de-Bode-Super-e-Subgeneral-Comandante-de-Guerra-Sargento. “Não acho que isso seja motivo para tanto orgulho! Vou ficar com ela ou não vou?”

O limpador e a pastorzinha olhavam de maneira tão comovente para o velho chinês; tinham tanto medo de que ele fizesse um sinal com a cabeça, mas ele não podia. E lhe era desagradável contar a um estranho que tinha permanentemente um grampo na nuca. Assim os dois de porcelana ficaram juntos, abençoaram o grampo do avô e se amaram até se quebrarem.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-pastora-e-o-limpador-de-chamines>